

Francisco Tavares de Proença Júnior

em 33 imagens



Castelo Branco | 2016

Francisco Tavares de Proença Júnior
em 33 imagens

Francisco Tavares de Proença Júnior em 33 imagens

Catálogo da Exposição evocativa do Centenário da Morte de
Francisco Tavares de Proença Júnior através do seu legado fotográfico

FICHA TÉCNICA

CATÁLOGO

TÍTULO: Francisco Tavares de Proença Júnior em 33 Imagens

COORDENAÇÃO: Raquel Vilaça

EDIÇÃO: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior

TEXTOS: Raquel Vilaça

FOTOGRAFIA: Francisco Tavares de Proença Júnior (Fundo António Abrunhosa)

DIGITALIZAÇÃO: Arquivo de Documentação Fotográfica (Lisboa)

CAPA: Largo da Sé, Castelo Branco [66]. Foto: Francisco Tavares Proença Júnior

PAGINAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGEM: José Luís Madeira

IMPRESSÃO: Gráficas Amares, Lda.

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-96109-7-2

Castelo Branco 2016

EXPOSIÇÃO

TÍTULO: Francisco Tavares de Proença Júnior em 33 Imagens

COMISSARIADO E CONCEPÇÃO: Raquel Vilaça

ORGANIZAÇÃO: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior,
Câmara Municipal de Castelo Branco

FOTOGRAFIA: Francisco Tavares de Proença Júnior (Fundo António Abrunhosa)

DIGITALIZAÇÃO: Arquivo de Documentação Fotográfica (Lisboa)

MONTAGEM: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior,
Câmara Municipal de Castelo Branco

AGRADECIMENTOS

Alexandre Ramires
António Abrunhosa
Bruno Santos
Delminda Paulo
Francisco Henriques
João Caninas
Jorge de Alarcão
José d'Encarnação
José Luís Madeira
Maria Adelaide Salvado
Pedro Carvalho
Pedro Salvado
Vânia Carvalho

For.: Francisco Tavares Proença Júnior, muito jovem (coleção particular de António Abrunhosa)



PREFÁCIO

Francisco Tavares de Proença Júnior morreu a 24 de Setembro, no início do Outono de 1916, longe de casa e de Castelo Branco que tanto estimava.

Foram as terras nevadas da Suíça que colheram o seu último olhar sobre o mundo e as coisas, numa conjugação de escalas entre a montanha que o rodeava e a célula que observava através do microscópio, entre o ‘geógrafo’ que interroga e o ‘citologista’ que analisa. O olhar de um jovem de alma inquieta e sonhadora que, a par da arqueologia, amava a literatura e a poesia.

Nas várias cartas que, ao longo da vida, trocou com o pai, perpassam testemunhos das suas frustrações, dos seus anseios, dos seus temores e dos seus sonhos, por vezes amalgamados com registos de paisagens e de gentes.

Numa dessas cartas, encontramos um belo retrato da despojada solidão da peneplanície alentejana dos arredores de Serpa que, através da escrita, Francisco Tavares de Proença nos legou: “Campos muito planos, aqui e além um ou outro monte com sua casinha muito caiada e branca, por todos os lados oliveiras e campos de trigo, e nem ao menos uma povoação se avista onde possamos fixar o olhar”. E, mais adiante, o retrato das gentes, marcado pela estratificação social da época: “Os povos daqui são simpathicos, têm ainda no espírito a tradição dos tempos que passaram e recordam-se do que em novos lhes ensinaram as mães: - o respeito áquelles que são mais do que eles”.

Mas outros registos nos legou Francisco Tavares de Proença Júnior: a fotografia era uma outra das muitas e antigas paixões.

Pensou, então, o Conselho Director da Sociedade de Amigos do Museu, neste ano do centenário da sua morte, iluminar essa faceta quase desconhecida do fundador do Museu.

Deve-se à Professora Doutora Raquel Vilaça, comissária da exposição e ela também uma apaixonada arqueóloga, a selecção, a datação, a minuciosa e empenhada pesquisa que permitiu a identificação de alguns dos diversificados e preciosos registos captados por Tavares de Proença há mais de um século.

Se, como afirmou Henri Cartier-Bresson, “fotografar é pôr a mente, os olhos e o coração na mesma direcção”, que esta exposição permita uma aproximação aos instantes vividos por Francisco Tavares de Proença Júnior.

Ela constituirá, pois, uma homenagem à sua curta mas frutuosa Vida.

Maria Adelaide Neto S. F. Salvado
(Presidente do Conselho Director da SAMFTPJ)

A FOTOGRAFIA NA VIDA E NA OBRA DE FRANCISCO TAVARES DE PROENÇA JÚNIOR

As trinta e três fotografias da autoria de Francisco Tavares Proença Júnior, tantas quantos os seus anos de vida (1883-1916), revelam, no Centenário da sua morte, que esta exposição pretende evocar, um olhar insuspeito, multifacetado, de assinalável criatividade e sensibilidade, indo muito além daquele que lhe conhecemos como arqueólogo.

Efectivamente, se neste domínio o seu pioneirismo também se expressou através da fotografia como documento científico, só em parte publicado, pelo próprio em diversos trabalhos ou *a posteriori*¹, outras vertentes são dignas de referir, e de mostrar, também agora.

O leque é muito amplo². As memórias imagéticas de cariz etnográfico, rural, urbano, religioso, político, arquitectónico, venatório, paisagístico, lúdico, familiar..., além daquele, fixado nas mais de duzentas chapas de vidro que compõem o acervo conservado (e conhecido) do investigador albicastrense, fazem jus ao espírito que, em palavras do pai, também por ele fotografado³, possuía “*uma impersistência acentuada, não podendo por muito tempo fixar a sua atenção em um assunto*”⁴.

É impossível estimar, mesmo de forma aproximada, o que terá sido a produção fotográfica de Francisco Tavares Proença Júnior. Mas percebe-se, a partir da leitura de documentação inédita (apontamentos do próprio e correspondência trocada com a família e amigos)⁵ e dos dados trabalhados pelo seu biógrafo (Dias 1972), que parte se perdeu.

As primeiras fotografias deverão ter sido fixadas pelos 16 anos, altura em que vai para o colégio de Arreton, na Ilha de Wight, Grã-Bretanha, e de onde envia algumas

¹ Veja-se Ferreira (coord. 2004).

² Acervo em boa hora disponibilizado pela família (Fundo António Abrunhosa).

³ “*Junto lhe envio uma copia da photographia que lhe tirei em Landquart que como photographia não valle nada mas pela lembrança unicamente*”, escreve em carta enviada de Davos, a 9 de Março de 1901 (105 FA 28).

⁴ Apontamentos biográficos enviados pelo pai, Francisco Tavares de Almeida Proença, a José Leite de Vasconcelos, em carta datada de 7 de Julho de 1931 (MNA 19199B), referida por Martins 1916.

⁵ Inéditos do acervo do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e documentação do “Fundo António Abrunhosa”. Acresce a relevante correspondência epistolar trocada entre Tavares Proença Júnior e Leite de Vasconcelos, valorizada por Fabião (2004), bem como a estabelecida entre seu pai e o “Mestre”, esta recentemente explorada por Martins (2016).

delas à família (Dias 1972: 42). Mas o interesse parece vir de antes, porquanto o pai também recordou que “*A partir dos 12 anos dedicou-se a trabalhos eléctricos [...] Apaixonou-se pela fotografia [...]*”⁶.

Logo depois, mercê de enfermidade pulmonar, Tavares Proença Júnior vê-se obrigado a seguir para o Sanatório Schatzalp, em Davos, Suíça (1900-1901, de novo em 1902), na senda da cura, e aí continuará, com a fotografia. Aluga máquina, um aparelho “*Gaumont*” (Dias 1972: 89), escrevendo ao pai⁷, a 16 de Fevereiro de 1901: “*Como já lhe disse tenho aqui uma machina 13 x 18 alugada em Davos e que dá umas photographias menos más.*” (105 FA 20). O tempo corre devagar e a fotografia ajuda a entretê-lo. Fotografa as paisagens, as ruas de Davos, o Sanatório, os amigos, que lhe reconhecem a “*arte*” e o solicitam: “*Estava eu hoje [28/2/1901] sentado na salla de leitura quando vejo as damas virem direitas a mim a massar-me para amanhã lhes tirar uma fotografia; de modo que la tenho de ir satisfazer Suas Exas.*” (195 FA 25).

A 7 de Outubro de 1902 inicia o curso de Direito em Coimbra, onde permanece até 1907, e a fotografia acompanha-o. Então, possuía já equipamento próprio, uma “*Goerz*”, que usa intensamente com os mais diversos fins, como bem espelha a série de fotografias dessa época.

Depois, com Coimbra já passada, de onde trouxe muito mais do que o insucesso do curso, e instalado na Quinta da Cortiça (Azóia, Leiria), procurará vendê-la para adquirir uma nova máquina, informando-se sobre o novo modelo francês “*Inverseur Universel*”, que oferecia múltiplas vantagens: entre outras, reproduções em todos os formatos, incluindo os “*clichés stéréoscopiques*”, além de ser “*très réduit, très élégant, très coquet...*” (56 FA).

O empenho na obtenção de um aparelho mais evoluído exigiu-lhe, todavia, a prestação de contas ao pai, nomeadamente de gastos feitos com a fotografia ainda nos tempos de Coimbra, numa altura em que procurava reconquistar junto do progenitor o lugar de estima e de amizade. Em missiva com data de 14 de Novembro de 1908, diz: “*Em Lisboa tenho para acabar de resolver o negocio da machina com o Ribeiro. Escrevi-lhe ha dois dias perguntando se ja vendeu a minha machina e ainda me não respondeu.*” (128 FA 12). E, dois meses depois, a 2 de Janeiro de 1909, escreve ainda: “*eu pensava que a venda do aparelho Goërz daria para completo pagamento do novo e dos*

⁶ Ver nota 4.

⁷ São frequentes as referências a fotografia na correspondência enviada à família, sobretudo ao pai.

produtos photographicos, pois tenho visto pelos bolletins do Centro Photografico de Lisboa que aparelhos daqueles em 2ª mão se vendem por um preço que varia entre 50 e 60 [? danificado]. Ora custando o novo trinta e tal, pareceu-me que eu só teria que reembolsar o Ribeiro no caso de a machina ser vendida em péssimas condições.” (110 FA 4).

Por conseguinte, Francisco Tavares Proença Júnior é também neste campo — tal como nos demais — um homem que procurou permanente actualização, um praticante convenientemente informado, enquadrado por literatura especializada nos diversos domínios que lhe interessam, e eram muitos⁸.

Um homem também de várias paixões, como a que nutria igualmente por Camilo Castelo Branco, cuja vida e obra conhecia em pormenor (Proença Júnior 1905 c). Algumas daquelas persistentes, como a Fotografia, que irá manter até ao fim.

Já no exílio, que se lhe tornou inevitável a partir de 1911 mercê da sua actividade monárquica, “couceirista” e na “Guerrilha da Beira”, não obstante a amnistia decretada por Bernardino Machado em 1914 (Dias 1972), escrevia à mãe, a 9 de Agosto de 1915: “*Vou um dia d’estes photographar o Trapola [o gato] para lhe mandar. Está gordo e satisfeito da bôa vida que leva, repimpado sempre nos tapetes. Um felizão!*” (Dias 1972: 211).

A fotografia foi, pois, uma constante na vida do albicastrense, que não de nascimento⁹, mas de sentimento, que ora recordamos.

Não foi nada fácil a selecção de imagens que dão corpo à exposição a que se reporta este catálogo. Muitas outras gostaríamos de ter incluído neste momento, porventura com igual justificação, ou critérios outros, por exemplo, de índole mono-temática: as paisagens, a ruralidade, a arquitectura religiosa, civil e militar, a arqueologia, a (sua) cidade, etc.

Atendendo só à Arqueologia, com lugar cimeiro na colecção, como é de fácil

⁸ Lamentavelmente não conhecemos a biblioteca de Tavares Proença Júnior. Se no campo da Arqueologia ela pode ser em parte recuperada através das leituras que fez e, em concreto, das publicações recebidas, várias das quais divulgadas igualmente como notas de leitura (também nessa sua faceta tão peculiar) em *Materiaes*, a revista que criou, quase nada se sabe sobre as obras que forravam as suas estantes.

No caso da fotografia, e de acordo com António Sena (1998: 128, 192, 196), existiam, à época, várias publicações sobre Fotografia. É provável que os “*bolletins*” referidos correspondam ao *Bolletim Photografico*, que se publicava desde Junho de 1905.

⁹ Nasceu em Lisboa, na freguesia da Lapa.

entendimento, nela têm primazia os grandes temas investigados pelo arqueólogo da Beira Baixa, ou que tinha em curso de investigação – o Megalitismo, os Castros, a Epigrafia –, quando, repentinamente, tudo deixou. São também de grande interesse as fotografias de objectos, da sua própria colecção, e de outras, nomeadamente do Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra, a prestigiada e centenária instituição, onde foi admitido pela mão de Bernardino Machado (Presidente do Instituto entre 1896 e 1907), logo que chegou, primeiro como sócio correspondente, depois como efectivo, a 7 de Fevereiro de 1906 (24 FA).

Porém, nesta mostra secundarizamos as imagens de objectos. Os da colecção pessoal, que doou ao Estado ao fundar o Museu (1910) que hoje ostenta o seu nome, encontram-se compilados em excelente catálogo e boa parte deles podem ser (ainda) observados na exposição do Museu (Ferreira, coord. 2004). E as imagens registadas no segundo, Museu onde há muito tempo tinha “entrada a qualquer hora” (Dias 1972: 79), ficarão para uma outra oportunidade.

Na presente iniciativa, a opção foi ainda a de nos descentrarmos da Arqueologia. Procurou-se antes reunir testemunhos ilustrativos da faceta caleidoscópica dos interesses, das geografias e dos percursos de vida, tão curta mas tão rica (ou com tantas vidas) e original, de Tavares Proença Júnior. Um itinerário único, singular e, de certa forma, até solitário (em palavras próprias, “*extraordinario*”, como informa Dias 1972: 78), não obstante a família, os amigos, os companheiros, o seu “querido Mestre” (Leite de Vasconcelos), os correligionários (nem sempre cúmplices) e será só e isolado, que também morre.

A sequência das imagens apresentadas desrespeita igualmente qualquer ordem temática ou cronológica rígida. Pareceu-nos mais interessante cruzá-las e fazer a visita zigzagueando no tempo e no espaço, ainda que não de forma desorientada.

Neste périplo fotográfico, partimos da proximidade quotidiana do Largo da Sé, em Castelo Branco, colocando-nos ao lado de Tavares Proença Júnior, na perspectiva desde um dos ângulos da casa de família, na Rua de S. Sebastião, que deixou aos 16 anos, rumo ao colégio na Ilha de Wight, mas a que voltou recorrentemente, até ao derradeiro momento de constrangido exílio de índole política, em 1911. E chegamos à última imagem (infelizmente de identificação precisa desconhecida e que será das mais antigas da colecção) que nos conduz, levados pelo comboio a vapor, às alvas, gélidas e distantes paisagens alpinas, igualmente tão presentes nas suas vivências, escritos e registos fotográficos, de um outro exílio, voluntário, embora ditado pelo compasso da doença que se

revelaria fatal¹⁰.

Pelo meio, podemos observar muitas mais memórias fotografadas de patrimónios vários e tão díspares, materiais e afectivos, quanto o Rossio de Santa Clara, em Coimbra, com a torre da Universidade a espreitar por detrás da árvore, ou o locomóvel a vapor da Quinta da Feiteira, peça esta revolucionária na economia das grandes casas agrícolas da 'Beira alentejana' de inícios de Novecentos.

Ou o mercado das loiças de Leiria, cujo burburinho e azáfama em voz feminina só podemos imaginar, por contraste com a silenciosa casa ao cimo da Rua d'Ega, em Castelo Branco.

Ou ainda a arte da fotografia a assinalar resquícios de uma sociedade tripartida em fim de vida, entre a engalanada visita dos infantes D. Luís Filipe e D. Manuel, a Castelo Branco, e a expressiva fotografia do grupo de trabalhadores, anónimos, crianças incluídas, numa qualquer quinta, não importa onde. Nobreza e Povo presentes, portanto, na lente de Francisco Tavares Proença Júnior, a que se junta o Clero, numa solene imagem da procissão do Corpo de Deus, em Castelo Branco.

Presente, está, também, o aficionado pela caça, pelas armas, autor de interessantíssimo e extenso manuscrito que ilustrou aos 17 anos (*Caça e Armas de caça e de tiro*, 1900 - 21 FA), não admirando que tenha fundado, anos depois, a sociedade *O Tiro*, clube a que presidiu e que sobrevive, em Coimbra.

E, claro, a Arqueologia, neste caso cumprindo o papel de fonte documental ao serviço de uma ciência que se ia distanciando da de Oitocentos, com registos relevantes, alguns de valor único.

Ou porque os monumentos fotografados já não existem, como acontece com a Anta Grande de Medelim, que, não obstante, merece ser revisitada, também por outra documentação existente. Ou porque há séries monográficas espantosas, sejam as relativas a Idanha-a-Velha, sejam as das citânias de Briteiros e de Santa Luzia. Ou porque com a Arqueologia se arrasta a Museologia, na vertente específica dos

¹⁰ Em Outubro de 1900 é diagnosticada, pela primeira vez, a sua enfermidade (Dias 1972: 57). Como referimos, partirá para o Sanatório de Schatz-Alpz, em Davos, onde ficará cerca de três meses, regressando a 30 de Março de 1901. Voltará ainda nessa época aparente ou temporariamente curado. Da segunda vez, os primeiros sinais da doença manifestam-se a 20 de Outubro de 1912 (19 FA).

primeiros espaços museológicos, como mostra a Capela do Convento de Santo António, onde se instalou a primeira sala do Museu, intitulada “Secção lapidar” (Proença Júnior 1910 a: 60).

Ou ainda porque são surpreendentes as imagens que nos falam das metodologias de trabalho de campo do fundador da arqueologia da Beira Baixa, ombreando com a informação que transparece da sua produção científica, por exemplo e muito em especial do notável texto sobre a Anta da Urgueira (Proença Júnior 1909). Esse método de trabalho “irrepreensível” (Fabião 2004: 17), de rigoroso registo estratigráfico, com plantas, cortes, distribuição espacial dos achados, nos monumentos e nos territórios, que também representa realisticamente com esboços topográficos igualou (e em alguns casos suplantou, em nossa opinião) os ensinamentos (à distância) do Mestre, Leite de Vasconcelos.

Neste âmbito, são particularmente elucidativas as imagens do equipamento telescópico com tripé junto ao marco geodésico do Monte de São Martinho, Castelo Branco, precisamente o óculo de longo alcance que já o tinha acompanhado na sua peculiar exploração à Serra da Estrela (Dias 1972: 67) e, sobretudo, a do uso de peneiro sob o qual se acumularam as terras de um dos monumentos megalíticos que escavou com o “seu pessoal”. Rigor e meticulosidade pautando-lhe o trabalho, como aliás tudo o mais¹¹.

Se a vertente estritamente documental predomina na objectiva do “arqueólogo erudito e militante” (Dias 1972: 100), as emoções suscitadas pelas melancólicas imagens paisagísticas que compõem o acervo, como a que mostra as árvores junto a trecho de canal de rio, certamente nos arredores de Coimbra, pertencente a uma outra série de imagens pautada pela beleza, dizem-nos da sensibilidade do artista, permitindo ainda uma abordagem estética.

Está por fazer a História da fotografia em Castelo Branco, mas ela não poderá dispensar o legado de Francisco Tavares Proença Júnior, a par da obra dos fotógrafos amadores da época, como António Abrunhosa e Manuel Paiva Pessoa¹².

¹¹ Este modo de ser revela-se, passo a passo, nos seus apontamentos e correspondência inédita, às vezes expresso de modo quase obsessivo. Por exemplo, chega a pesar os pedaços de gesso (2,100 Kg) caídos do tecto do quarto do pai na Quinta da Cortiça na sequência do tremor de terra que se fez sentir na zona de Leiria, ocorrido pelas 5,10h e tendo demorado 5 segundos, conforme refere em missiva de 24 de Abril de 1909 (110 FA 31).

¹² Referidos por Dias 1966: 61. Contam-se, no acervo do primeiro, a aguardar estudo e condigna divulgação, cerca de 11 900 fotografias (informação de seu neto, Dr. António Abrunhosa, a quem agradecemos).

A conservação da produção fotográfica de Tavares Proença está longe de ser impecável e a exposição não o omite. Várias chapas de vidro estão fracturadas ou danificadas e foram afectadas por problemas de humidade, carregando anos em condições que nem sempre terão sido as melhores e somando também viagens que acompanharam com frequência a vida do fotógrafo.

Esta mostra constitui, assim, parcial imagem de um acervo mais plural e riquíssimo que tem vindo a ser, pouco a pouco, revelado¹³. No campo específico da fotografia, há ainda muito trabalho por fazer, por aprofundar, por completar e, eventualmente, por corrigir.

Com as fotografias não chegou a respectiva identificação que o punho do próprio legitimaria e tanto nos facilitaria a vida. Nem sempre foi possível determiná-la. Várias das imagens vieram colocar perguntas a que não foi (ainda) dada resposta; deixam-se algumas hipóteses. Tão-pouco as fotografias estão datadas, embora seja possível, em certos casos, determinar o ano, o mês e até o dia, em que a lente as fixou, mercê, fundamentalmente, do cruzamento com a informação reunida pelo biógrafo (Dias 1966; 1972) e a existente na correspondência e manuscritos inéditos que sobreviveram.

De todo o modo, o acervo é um coeso testemunho da Fotografia da primeira década do século XX, quando essa arte levava já, desde o longínquo ano de 1839, quando foi inventada, ou começou a ser inventada¹⁴ num dinâmico processo conduzido pelos avanços da Física e da Química, um caminho de seis décadas, num rosário de ferrótipos, ambrótipos, calótipos, colódios, albuminas, fototipias, ... (Ramires 2001; 2006; 2014).

Vem a propósito recordar, pelo interesse e significado, o relatório apresentado a

¹³ Além da fotografia, são igualmente dignos de análise os inúmeros desenhos e esboços, de campo e de gabinete, de trabalhos próprios, bem como os resultantes das visitas a museus, em Portugal e no estrangeiro, alguns já divulgados em distintas ocasiões (Ferreira, coord. 2004; Antunes 2008). De interesse são ainda todos os demais constantes nos seus cadernos manuscritos e mesmo correspondência, sobre temáticas outras, bem além da Arqueologia.

¹⁴ A atribuição do invento a Daguerre, normalmente aceite, nem sempre é seguida, considerando Sougez (2001: 27) que o pai da fotografia é Nicéphore Niepe (1765-1833), pois conseguiu fixar as imagens na câmara em 1816. Chega a ser feita sociedade entre ambos, mas a morte deste último deixará caminho ao primeiro, que aperfeiçoa a técnica do iodeto de prata com a descoberta da acção do vapor de mercúrio e depois à base de sal, passando o método a ser conhecido como “Daguerreótipo”.

19 de Agosto de 1839 à Academia das Ciências (França) dando a conhecer o processo do “Daguerreótipo” que referia a sua vantagem também no campo da Arqueologia, uma vez que *“Para copiar os milhões e milhões de hieróglifos que cobrem, incluindo no exterior, os grandes monumentos de Tebas, de Mênfis, de Carnaque, etc., seriam necessárias vintenas de anos e legiões de desenhadores. Com o daguerreótipo, um só homem podia levar a bom termo esse trabalho imenso.”* (referido em Sougez 2001: 49-50).

Em suma, o valor documental da colecção fotográfica de Francisco Tavares Proença Júnior, seja para a História da Fotografia, em geral, seja para a História da Arqueologia, em particular, é, pois, indiscutível. E, concretamente, para o conhecimento dos primórdios da fotografia arqueológica em Portugal como instrumento de registo científico, um património como poucos haverá. Eis um tema que aguarda pesquisa devidamente aprofundada e sistematizada, para o qual se conta, para além de auspiciosas pistas, o estudo de fôlego dedicado à produção fotográfica de Martins Sarmiento, o grande pioneiro da fotografia arqueológica em Portugal, com dois álbuns editados e autor de interessante conjunto de cinco cadernos manuscritos sobre fotografia (Brito, coord. 2012).

Avancemos para o catálogo (e exposição) cujas imagens (identificadas com o respectivo número de série), algumas outras também, muito nos dizem, com mais algumas palavras, incluindo as do próprio, sobre o olhar de Francisco Tavares Proença Júnior, numa altura em que as fotografias ainda eram “inocentes” (embora nem sempre contassem a “verdade”).

Raquel Vilaça
(Universidade de Coimbra)

